

Economia do Rio patina e tenta reagir

* 7 JUN 1993

JÔ GALAZI

RIO — O Estado do Rio pode ter uma desagradável surpresa quando o IBGE divulgar o censo de 1990. Pelo último censo, o de 1985, a economia fluminense ocupava o segundo lugar no País, só superada por São Paulo, e equivalia a 11,5% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional (São Paulo tinha aproximadamente 35%). Minas, que ocupa a terceira posição (9,5% do PIB, segundo o censo de 1985), pode ficar no lugar do Rio quando o novo ranking for divulgado.

O chefe do Departamento de Estudos e Pesquisas da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Augusto Franco, entende que a indústria fluminense padece de dois problemas que contribuem para refrear seu dinamismo. Em primeiro lugar, tem um vício de nascença: foi criada voltada para o mercado interno, basicamente para atender a encomendas governamentais, pois ficava no Rio a capital federal. O setor de material elétrico é um exemplo, diz ele.

Com a radical redução dos investimentos públicos, praticamente toda a indústria fluminense viu-se sem a parte mais importante da sua clientela. Conforme Augusto Franco, a mudança de perfil da produção é um processo demorado e as empresas locais ainda estão em fase de adaptação, inclusive para atender ao mercado externo. O outro problema é a diferença entre as indústrias que ditam a dinâmica da economia em cada Estado. Em São Paulo é a automobilística e no Rio a de construção naval, que nas estatísticas está contida dentro do setor de material de transportes e que, em 12 anos, foi drasticamente atingida pela crise do setor público. As encomendas aos estaleiros partem principalmente da Petrobrás e da Companhia Vale do Rio Doce. Não só faltam encomendas como há atrasos de pagamentos dependendo das necessidades do governo.

Buscar serviço no mercado externo não dá grandes resultados, porque os concorrentes internacionais oferecem financia-

mentos a quem encomenda navios — condição básica para se vencer qualquer disputa e que os estaleiros brasileiros não têm condições de atender.

O resultado é que a indústria naval, que empregava 50 mil pessoas há oito anos, agora só tem 11 mil trabalhadores. Por causa dela, o setor de material de transporte tem o mais baixo nível de utilização de capacidade instalada entre os demais: 48,45%, conforme dados preliminares de abril, enquanto o da indústria em geral situou-se 74,19%.

Reversão — Augusto Franco acredita que agora este quadro está revertendo. Ele se anima também com o fato de grandes indústrias, como a Xerox, estarem se instalando no Vale do Paraíba, na região de Resende, uma região atraente por razões naturais — tem abundância de terras planas e ainda não excessivamente caras, energia elétrica de sobra e fica a meio caminho entre o Rio e São Paulo. Também está havendo um grande movimento de instalação de importantes indústrias de alta tecnologia em Friburgo.

Locomotiva paulista

Exportações por Estados em 1992

Região	Valor (em bilhões de US\$)	Total nacional (em %)
São Paulo	13,4	36,97
Minas Gerais	4,8	13,35
Rio Grande do Sul	4,4	12,15
Paraná	2,1	5,83
Rio de Janeiro	1,9	5,25
Santa Catarina	1,8	5,05
Espírito Santo	1,7	4,69
Pará	1,6	4,55
Bahia	1,5	4,12

Fonte: Departamento Técnico de Intercâmbio Comercial, do Ministério da Indústria e Comércio

Passo atrás * 7 JUN 1993

Indicadores industriais do Rio de Janeiro*

	Jan	Fev	Mar	Abr
Vendas reais	9,38%	-2,01%	10,08%	-7,41%
Salários reais	7,83%	-6,81%	3,01%	-7,97%
Pessoal ocupado total	-0,15%	-0,26%	0,24%	0,10%
Capacidade instalada (utilização)**	69,66%	70,06%	73,15%	74,19%

* mês em relação ao mês anterior.

** nível de utilização

Fonte: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan)